

INTERNACIONAL - A10

Atenas se arma e recebe Merkel

Visita da chanceler alemã, Angela Merkel, à capital grega é marcada por medidas de extrema segurança e promessas de protestos.



OPINIÃO - A2

Antonio Delfim Netto

Convém coibir potenciais abusos, com limites ao poder de concessão de benefício tributário.

INTERNACIONAL - A10

Nacionalização na mira de Chávez

Presidente da Venezuela começa em janeiro novo mandato de seis anos e deve expandir sua política de nacionalizações.

Itens de segurança contra perdas do varejo movimentam indústria

SÃO PAULO

À medida que o varejo passou a apostar em segurança, um dos maiores fatores de queda da rentabilidade do setor, a indústria de sistemas de proteção avançou e hoje já movimentava cerca de US\$ 1,8 bilhão e cresce em média 9% ao ano, segundo a Associação Brasileira das Empresas de Sistemas Eletrônicos de Segurança (Abese).

Na esteira dessa expansão, a fabricante de sistemas de proteção eletrônica de mercadorias Gunnebo Gateway Brasil espera crescer 30% ainda neste ano, atingindo receita de R\$ 85 milhões no País. A empresa sueca avança rapidamente no mercado de prevenção de perdas no varejo e agora quer ganhar também o segmento de cofres.

Produtos vencidos, extraviados e até furtados fazem com que o varejo deixe de movimen-

tar um montante que beira a casa dos bilhões. Dentre os diversos segmentos, o mais suscetível a problemas é o supermercadista, como explica o presidente do comitê de prevenção de perdas do Instituto Brasileiro de Executivos do Varejo (Ibevar), Carlos Eduardo Santos. "O autosserviço é o mais afetado, pois opera com perecíveis", disse. Ele acrescenta que, por manusear produtos que estragam e ter operações nas mais variadas regiões do País, redes como o Grupo Pão de Açúcar (GPA) e o Walmart, entre outros *players*, perderam em 2011 cerca de 1,96% da receita operacional, segundo levantamento do Programa de Administração do Varejo da Fundação Instituto de Administração (Provar/FIA).

THAIS CARRANÇA
FLÁVIA MILHASSI

→ INDÚSTRIA | PÁGS. A7E A8

MÁQUINASEEQUIPAMENTOS

Multinacional de segurança planeja aquisições no País

A sueca Gunnebo Gateway, fabricante de proteção eletrônica de mercadorias, mira novos segmentos e projeta faturamento de R\$ 85 milhões em 2012

SÃO PAULO

A fabricante de sistemas de proteção eletrônica de mercadorias Gunnebo Gateway Brasil espera crescer 30% este ano, atingindo receita de R\$ 85 milhões no País. A empresa de origem sueca avança rapidamente no mercado nacional de prevenção de perdas no varejo e quer agora ganhar também o segmento de cofres, inicialmente através de produção terceirizada, mas já de olho em possíveis aquisições, para dar início à fabricação local própria.

Tendo entre seus clientes grandes varejistas, como C&A, Droga Raia, Leroy Merlin, Livrarias Saraiva, Lojas Americanas e Walmart, a empresa cresce ao adotar no Brasil uma estratégia diferente de sua matriz europeia. "Focamos no relacionamento com o usuário final, coisa que na Gateway internacional não era comum, pois ela é uma empresa que fornecia e desenvolvia produtos a outras empresas do segmento [de segurança]", explica o diretor de Comunicação Luiz Fernando Sambugaro.

A Gunnebo absorveu a também sueca Gateway, tendo aumentado sua participação na divisão brasileira da companhia de

50% para 80%. No País, a empresa trabalha com antenas antifurto, etiquetas rígidas e adesivas e cadeados eletrônicos, além de circuitos fechados de televisão.

"Nosso crescimento ultrapassa 25% ao ano nos últimos quatro anos", diz o executivo. "Com o investimento realizado na aquisição da empresa local, o objetivo é poder assumir outras responsabilidades, trazendo produtos e, eventualmente, nos próximos dois anos, realizando a aquisição de novas empresas", adianta.

Com uma planta no Brasil, a Gunnebo Gateway produz aqui antenas antifurto e alguns modelos de etiquetas, montando localmente ou importando os demais itens de seu portfólio. "Dependendo do custo da produção local e do patamar cambial, importamos mais ou menos produtos acabados", afirma o diretor.

A companhia atua no varejo com um modelo de logística reversa. Nele, os produtos são etiquetados na origem, ainda na fábrica do fornecedor, reduzindo o trabalho feito na loja. Após a realização da venda do produto, as etiquetas rígidas são recolhidas, para serem reutilizadas em novos pedidos. "Essa é uma criação local, que tem expandido significativamente nossos negócios junto às grandes e médias cadeias", diz. E a produção nacional permite aquisição através da linha de crédito Finame, do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES)

Novo segmento

A empresa deu início ao projeto, que deve ser definido nos próximos 90 dias, de produção de um cofre nacional. "Será um cofre específico para o varejo, neste primeiro momento", conta Sambugaro. A empresa deve importar o coração do produto e o *software* de gestão, fabricando o cofre em si no País. "Vamos terceirizar, a princípio, mas a ideia da companhia é criar uma nova empresa nacional para a produção própria", afirma o diretor.



Luiz F. Sambugaro

O prazo para isso dependerá do desenvolvimento deste novo mercado. "Quanto maior for o volume e maior a qualidade local, essa transição será mais rápida", diz o executivo. "Deveremos adquirir um fabricante local, como fizemos recentemente [ao aumentar a participação na Gateway Brasil]", prevê, completando que a aquisição deve ser feita através de capital orgânico.

Com a entrada no segmento de cofres, a empresa planeja alçar vãos para além do seu público alvo atual, o varejo. "Queremos chegar aos bancos, metrô, aeroportos", planeja Sambugaro. "Outra área que cresce bastante é o RFID [sigla em inglês de 'identificação por radiofrequência']. Vamos instalar as primeiras etiquetas inteligentes em bibliotecas brasileiras, através de um contrato ainda em fechamento, sobre o qual não posso dar detalhes", diz o executivo, que mira bibliotecas públicas e privadas.

Setor

As projeções de crescimento da Gunnebo têm fundamento. Segundo dados da Associação Brasileira das Empresas de Sistemas Eletrônicos de Segurança (Abese), em 2011, o setor já movimentou cerca de US\$ 1,8 bilhão e registra um crescimento de 9% sobre o ano anterior. No Brasil, existem cerca de 18 mil empresas atuantes no segmento de sistemas eletrônicos de segurança, criando cerca de 200 mil empregos diretos. O mercado tem maior concentração na Região Sudeste (51%) e Sul (22%), com menor presença na Centro-oeste (13%), Nordeste (10%) e Norte (4%).

Entre as principais tecnologias aplicadas, as mais procuradas são os sistemas de circuito fechado de televisão, com 43% de atuação no mercado.

Depois vêm os sistemas de alarme contra intrusos e os sistemas de controle de acesso, empacotados, com 24% de atuação no mercado. Os equipamentos de detecção e combate a incêndio contam com 9% de participação.

Com crescimento de 11% do faturamento em cinco anos, o setor deve continuar se expandindo no País devido à demanda da Copa e da Olimpíada. O avanço econômico nas regiões menos favorecidas também deve estimular o segmento nos próximos anos.

→ LEIA MAIS NA PÁGINA 8

THAIS CARRANÇA

Publicamos 671 reportagens sobre

MÁQUINA EQUIPAMENTO

www.dci.com.br

www.panoramabrasil.com.br

Redes apostam no controle de perdas

O varejo nacional deixa de lucrar devido a problemas operacionais. O setor supermercadista é o mais afetado, com 1,96% de queda da receita.

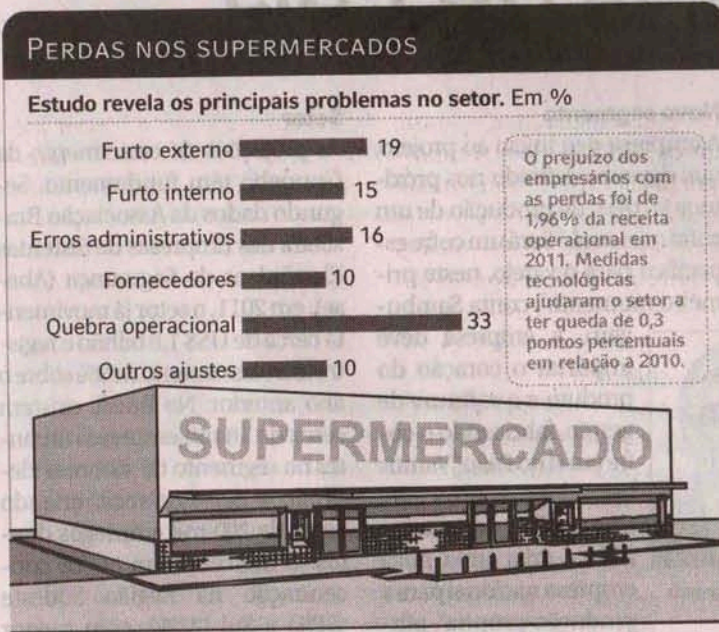
SÃO PAULO

Um dos maiores fatores de queda da rentabilidade aos varejistas são as perdas que ocorrem durante as etapas operacionais. Produtos vencidos, extraviados e até furtados por colaboradores fazem com que o setor deixe de movimentar na economia um montante significativo que atualmente está na casa dos bilhões ao ano no Brasil.

Dentre os diversos setores — calçadista, vestuário, eletroeletrônicos —, o mais suscetível a problemas operacionais é o supermercadista, conforme explicou Carlos Eduardo Santos, presidente do comitê de prevenção de perdas do Instituto Brasileiro de Executivos do Varejo (Ibevar). “Com certeza o autosserviço é o

mais afetado, pois opera com perecíveis, diferentemente do setor de confecção”, disse.

Ainda segundo o especialista, por manusear grande porcentagem de produtos que estragam e ter operações nas mais variadas regiões do País para atender em especial o crescimento da população economicamente ativa e os entrantes da classe C, redes como o Grupo Pão de Açúcar (GPA), o Walmart Brasil e *players* de menor porte, como o Sonda Supermercados — somando cerca de 262 empresas diferentes —, perde-



ram em 2011 cerca de 1,96% de sua receita operacional. Os dados foram apurados por meio de pesquisa realizada pelo Programa de Administração do Varejo da Fundação Instituto de Administração (Provar/FIA) em parceria com a Nielsen e o Ibevar. Conforme o levantamento, o índice está 0,3 pontos percentuais abaixo dos vistos em 2010, e, segundo as entidades envolvidas no estudo, é fru-

to de um maior investimento em prevenção de perdas, sendo a tecnologia a maior auxiliadora do setor. Mesmo com a pequena redução, as principais perdas ainda apontam índices elevados, sendo elas: quebra operacional, com 33% das perdas; furto externo, 19%; erros administrativos, 16%; furto interno, com 15%, e fornecedores e outros ajustes, com 10% de responsabilidade no menor rendimento anual desses *players*.

Santos enfatizou que essas perdas afetam os administradores de redes supermercadistas,

que por vezes perdem vendas pelo confinamento exagerado dos produtos. “Os empresários, com medo do aumento das perdas operacionais, acabam inibindo a venda pelo confinamento de produtos. Devem ser avaliadas ferramentas e tecnologias que permitam o controle sem alterar os resultados de vendas desejados”, enfatizou.

Tecnologias

A preocupação em se reduzirem esses itens é tanta que no País existe a Associação Brasileira de Automação (GSI) — braço de uma entidade sem fins lucrativos e com mais de 100 escritórios espalhados pelo mundo que tentam promover a padronização do uso dos códigos de barras —, que acaba de lançar a ferramenta DataBar (código de barras que armazena também a data de validade do alimento e outros artigos). O sistema, já utilizado em outros países, impede que um produto

vencido deixe os supermercados, ajudando tanto o varejista quanto o consumidor brasileiro.

A entidade acredita que com a inserção do DataBar será possível prevenir que os produtos estraguem nos estoques, sendo que no estudo, foi identificado que produtos estragados são responsáveis por 35% da quebra operacional dentro dos pontos de venda.

“Além do maior controle, o sistema empregado tanto nas balanças como no *check-out* [caixa] da operação, não permitirá que os produtos saiam de dentro das lojas, além de se conseguir um maior controle das datas de validade”, explicou ao DCI, Marcelo Sá, porta-voz da entidade e responsável pelo *marketing* e pelas relações institucionais da GSI.

Questionado sobre o quanto custa ao empresário aderir ao Data Bar, Sá afirmou que o investimento é pequeno, uma vez que são necessários pequenos ajustes na operação atual. “O empresário terá apenas que atualizar o *software* que existe em suas balanças e nos caixas”, enfatizou.

Existem vários sistemas que se mostram efetivos, entre diversos

adventos tecnológicos, mas o País ainda engatinha quando o assunto é prevenção de perdas, conforme explicou Carlos Eduardo Santos, do Ibevar. “Os Estados Unidos foram pioneiros na implantação de prevenção e eles possuem um modelo diferenciado e perdas menores.”

→ LEIA MAIS NA PÁG. A7
FLÁVIA MILHASSI

Publicamos 4.192 reportagens sobre

VAREJO

www.dci.com.br
www.panoramabrasil.com.br

Cofre eletrônico e câmeras previnem fraudes

A efetividade da prevenção das perdas com o auxílio de tecnologias pode ser tamanha que empresas que provêm serviços ao varejo têm investido alto em novos produtos.

Entre os diversos *players* que atuam nesse nicho de mercado — prevenção a perdas —, vale o destaque ao Grupo Protege, especializado em segurança, e que desenvolveu o cofre eletrônico. Segundo Gustavo Cambraia, gerente de Vendas do Grupo, ao invés de o varejista transportar valores via funcionários, ele pode optar pelo cofre eletrônico, que, além de assegurar que os valores arrecadados não sejam furtados, faz a contagem de tudo que é guardado. “O empresário terá maior segurança, pois o cofre praticamente substitui o processo de contagem das notas. O sistema é que fará a leitura dos dados”, disse.

Ao ter como um dos principais clientes a Cooperativa de Consumo (Coop), a provedora de segurança importou, recentemente, o sistema de vídeoanálise, programa este que consegue integrar os circuitos internos de vigilância aos *softwares* de gerenciamento. “O sistema é capaz de enviar relatórios diários de movimentação dentro das lojas, tipo físico que mais visita o espaço, além de apontar as áreas em que existe uma maior possibilidade de roubos e furtos dentro das lojas”, enfatizou.